Dona Beja
e os
BOTELHOS
de
PARACATU

Um estudo genealógico e histórico sobre os laços de Dona Beja com a família Botelho e os vínculos que chegaram até Paracatu.

TEXTO RETIRADO DO JORNAL

CORREIO MINEIRO

06/02/2009

AUTOR:

José Aluisio Botelho

Acervo do Museu Histórico de Paracatu

Dona Beja e os Botelhos de Paracatu*

Muito se tem falado no âmbito familiar e fora dele, acerca de possível parentesco consaguineo ou por afinidade entre Dona Beja e a família Botelho de Paracatu, ao longo de décadas. Essa duvida, real ou proposital trazida pelos mais velhos, receosos da veracidade do parentesco com a mitológica personagem da historia de Araxá, e que levou um dos nossos velhos tios, já falecido, a dizer peremptoriamente certa vez: "eu não sou parente de uma cortesã", persiste ate os dias atuais.

Ana Jacinta de São José, a mitológica Dona Beja, nasceu em Formiga, Minas Gerais, por volta de 1800, filha natural de Maria Bernarda dos Santos e de pai ignorado. Chegou ao então florescente julgado de São Domingos do Araxá ainda menina, acompanhando a mãe e o irmão Francisco Antonio Rodrigues, talvez à procura de melhores condições de vida, já em princípios deste século dezenove. Segundo alguns historiadores, ela tornou-se uma mulher bonita, de cabelos e olhos claros, que chamava a atenção dos homens do lugar, inclusive de certo "padre..." (grifo nosso)

Em 15 de fevereiro de 1819, nascia sua primeira filha Teresa Tomásia de Jesus, batizada a 24 de fevereiro do mesmo ano, sendo padre batizante, o vigário Francisco Jose da Silva, tendo a menina como padrinhos o Quartel-mestre Jerônimo Jose da Silva e Dona Teresa Tomásia de Jesus Rosa Botelho, respectivamente, irmão e mãe do padre batizante.

O parto da criança se deu na fazenda "Campo Aberto", de propriedade do vigário Francisco, com assistência de Dona Teresa Tomásia Botelho, que emprestou seu nome a recém nascida. Dona Beja residia na época em um sobrado na Praça da Matriz, vizinha à do padre Francisco, o que

Fundo APMDMG/BAP/ARM. 01/Cód. 1095/Acervo Arquivo Público de Paracatu

poderia ensejar um possível relacionamento sacrílego entre os dois, o que veio a se confirmar anos depois, quando o padre Francisco José da Silva, reconheceu em cartório, através de escritura de perfilhamento, Teresa Tomasia como sua filha legítima, datada de 16 de maio de 1831, bem como uma de suas herdeiras em testamento, após sua morte em 1845. Não se sabe quando começou o relacionamento de Dona Beja e o padre nem quanto tempo durou, mas tudo indica que eles contavam com a cumplicidade da família, corroborados pela mãe do padre, madrinha da neta, e que não incomodava o resto da família, já que Dona Beja foi madrinha de batismo de Antonio, filho de Thomé Francisco da Silva Botelho, parente de seu amante.

Essas relações continuaram, e em 1833, ocorreu o casamento entre Teresa Tomasia e Joaquim Ribeiro da Silva Botelho, sobrinho do padre, portanto primos, reforçando ainda mais o vinculo de parentesco da moça com a família Botelho. Desse casal, nasceram os filhos Teodora Jacinta Fortunata, Joaquim, Francisco, Saturnino, José e Antonio. O relacionamento de Beja com a família continuou, inclusive no campo político, quando ela tomou partido dos Liberais na Revolução de 1842, ao lado dos Botelhos, adeptos dessa corrente partidária na região. Em 1855, a neta mais velha de Dona Beja, Teodora Jacinta Fortunata se casa com seu tio paterno, o coronel Fortunato Jose da Silva Botelho, poderoso chefe político de Araxá, e em 1856, ela vem a falecer durante o trabalho de parto juntamente com a criança, que não chegou a nascer.

Após esse trágico episodio, iria acontecer a ruptura, talvez definitiva, dos vínculos de Dona Beja com a família Botelho, em decorrência de uma demanda judicial, feita por ela contra o coronel Fortunato, reclamando o direito de herança da neta, com a argumentação de ser a principal herdeira em ordem ascendente da falecida, amparada na ausência de herdeiros

Fundo APMG/MG/BAP/ARM. 01/Cód. 1095/Acervo Arquivo Público de Paracatu

falecidos. Ela obteve ganho de causa e esse episodio acabou por se tornar o mote para a criação "oficial" do mito de Dona Beja, em princípios do século vinte, no intuito de incrementar o turismo então nascente em Araxá, com as descobertas das águas termais do Barreiro, localizadas em terreno onde existiu a antiga chácara do Jatobá, de propriedade de Ana Jacinta de São José, doravante a "heroína", a "cortesã, a "feiticeira" Dona Beja.

O vigário Francisco José da Silva, nascido em 1770, era filho do Capitão Gregório José da Silva, natural de Santa Rita Durão, Minas Gerais e de Teresa Tomásia de Jesus Rosa Botelho, natural da Ilha da Graciosa, Açores, Portugal. Alem do vigário Francisco, o casal teve outros filhos, entre os quais, José da Silva Botelho, alias, o único a adotar o sobrenome materno, quem em 1815, obteve uma sesmaria em Araxá que se denominou fazenda da "Mandioca", onde se forjou um poderoso clã político e econômico, com enorme influencia na região ao longo do século dezenove.

Pois bem, dentre os dezoito filhos de José da Silva Botelho, de seu casamento com Teodora Jacinta de Castro, houve Jose Jacinto da Silva Botelho, irmão de Joaquim Ribeiro da Silva Botelho, marido de Teresa Tomásia, que é crucial para o desfecho desse intrincado novelo genealógico e familiar.

Jose Jacinto da Silva Botelho, portanto primo de Teresa Tomásia, por seu casamento com Áurea de Castro Botelho, teve dentre outros filhos, Fortunato Jacinto da Silva Botelho e Franklin Jacinto da Silva Botelho. São esses dois irmãos que vieram fixar residência em Paracatu, onde através dos casamentos, perpetuaram com suas descendências, o sobrenome na cidade, onde existe ate os dias atuais. Primeiramente o Coronel Fortunato, que casou com Cândida Pimentel de Ulhôa e deixou os filhos: Osório, Aníbal, Anísio, José (Juca), Francisco (Chico), Mariana, Raul, Maria e Mario. Depois, o

Fundo APMOMG/BAP/ARM. 01/Cód. 1095/Acervo Arquivo Público de Paracatu

engenheiro Franklin Botelho, que casou com Maria Cândida Ulhoa Vilela, sobrinha da esposa do irmão, e deixou os filhos: Franklin, Áurea, Anita, Olga e Rosa, todos com descendência, exceto o filho varão Franklin.

Como conclusão, podemos afirmar que sob o ponto de vista genealógico, Dona Beja é parente por afinidade dos Botelhos de Paracatu, sendo que sua filha Teresa Tomasia de Araxá como de Paracatu, sendo prima em quinto grau de Fortunato e Franklin, na tabua genealógica prima em segundo grau de Fortunato e Franklin, na escala geneal de parentescos.

Por ultimo, é curioso observar que Dona Beja estava fadada a manter vínculos afetivos com personagens ligados à Paracatu, pois sua segunda filha Joana, seria filha do Dr. João Carneiro de Mendonça, nascido nesta cidade, filho do coronel de milícias João Jose Carneiro de Mendonça, português da Ilha da Madeira e de Josefa Maria Batista Roquete Franco, também natural de Paracatu e radicados em Araxá na década de 1830. Mas essa é uma outra história...

Texto retirado do jornal Correio Mineiro. 06/02/2009

Autor: José Aluísio Botelho

Fundo APMDMG/BAP/ARM. 01/Cód. 1095/Acervo Arquivo Público de Paracatu